

O FOLHETIM

PUBLICAÇÃO DIARIA DE ROMANCES

DIRIGIDA POR VISCONTI COARACY E SANTOS CARDOSO

ASSIGNA-SE
na
Rua do Hospício 85

Preço da assignatura por mez

Para a Côte 1\$000
Para as Provincias... 1\$500

AS ASSIGNATURAS
começam
no 1.º de cada mez

A BASTARDA

SEGUNDA PARTE

JOANNA E MAGDALENA

XII

O INTERROGATORIO

(Continuação.)

- Foi levada pelo senhor ?
- Não.
- Por quem então ?
- Por um dos meus famulos,
- Que o senhor tinha posto na confidencia do que se acabava de passar ?
- Esse homem sabia tudo...
- Tinha sido testemunha do duello ?
- Tinha.
- Bem ! elle poderá depôr... Está vivo ainda ?
- Ignoro-o absolutamente.
- E' estranho isso !...
- Esse homem sahiu da localidade...
- Desde quando ?
- Ha vinte annos.
- Quanto tempo depois da noite de 20 de setembro ?
- Dous ou tres dias.
- Que emprego elle exercia entre os seus famulos ?
- Era couteiro.
- Como se chamava ?
- Caillouet.
- O promotor consultou algumas notas traçadas a lapis na sua carteira.
- Depois perguntou :
- Esse Caillouet desapareceu subitamente ?
- Desappareceu.
- Abandonando a mulher ?
- Sim.
- Por ordem sua ?

- Não.
- Como ! não foi o senhor que o coagiu a sair da localidade ?
- Não.
- Sr. conde, tome cuidado no que diz !..... A sua resposta é extremamente grave e póde reverter terrivelmente contra o senhor...
- Mantenho-a.
- Ainda uma vez, tome cuidado !
- Disse a verdade.
- Sustenta então que não foi por ordem sua, formal, que o couteiro Caillouet fugiu desta localidade ?
- Sustento.
- Nesse caso, Sr. conde, como é que, oito dias depois da noite de 20 de Setembro, uma ordem de vinte mil francos, assignada pelo senhor, foi paga ao mesmo Caillouet por seu banqueiro em Nantes ?
- O Sr. de Vezay, atterrado, conservou-se calado.
- Essa ordem teria sido roubada ?..perguntou o promotor.
- O conde não respondeu ainda desta vez.
- O juiz de instrucção esfregava as mãos, murmurando.
- Ah ! que bello processo !... que bello processo !...

XIII

PRESO !...

Depois que começára o interrogatorio que termina o precedente capitulo, absoluta mudança se operára na physionomia do promotor publico.

A sua palavra se conservava, sem duvida, com medida e delicada, mas do tom com que eram pronunciadas desapparecêra toda a benevolencia.

Isto explica-se.

O magistrado, chegando ao castello, podia esperar que o conde de Vezay se justificasse facilmente de uma accusação que a sua vida inteira parecia á primeira vista desmentir.

Essa esperanza, porém, tornava-se evidentemente chimerica.

A culpabilidade dô conde era desde então palpavel, luminosa, incontestavel.

Ainda mais, — o facto de ter casado sua filha com o filho do homem assassinado por elle, parecia ao promotor a prova de uma monstruosa immoralidade no velho. — Via naquillo uma dessas acções infames perante as quaes recuam até os mais endurecidos malvados.

O juiz de instrucção achava nesse facto uma admiravel complicação melodramatica, que elle apreciava como amador.

O Sr. de Vezay, esmagado por aquella ultima apparencia de prova que acabava de surgir contra elle, sob a fórma da ordem de vinte mil francos dada a Caillouet, nem se quer tinha forças para pensar.

O seu semblante, a sua attitude, os seus olhares vagos e indecisos, denotavam absoluta prostração.

Ora, o abatimento do innocente, victima de injusta accusação sob a qual nem, se quer, tem energia para se debater, parece-se o mais possivel, a ponto de enganar, com o atordoamento do culpado esmagado pelo seu crime.

— Senhor conde, disse o promotor, tenho o pezur de declarar-lhe que a partir deste momento deve considerar-se preso.

Estas palavras galvanisaram a atonia do conde.

— Preso! exclamou elle; o senhor me prende!

— Assim é mister.

— Mas então julga-me culpado?...

— Sim, senhor; e não posso occultar-lhe que a minha convicção a esse respeito difficilmente se modificará.

— Oh! Senhor Deus!.. Senhor Deus!... murmurou o conde; tende compaixão de mim!...

— Deus é bom, senhor conde, respondeu o magistrado, e faz bem em invocal-o... Deus, porém, é justo e não quer que o crime fique impune.

— O crime! pois eu commetti algum crime?... Não havia que responder.

O promotor publico se conservou calado.

O juiz de instrucção encolheu os hombros.

— Emfim, senhor... diga-me... que vai acontecer?... que vai o senhor fazer de mim?...

— Vou conduzi-lo a Tours, no meu carro, e mettel-o na prisão enquanto durar a instrucção do seu processo...

— Metter-me na prisão! vão encarcerar-me!..

— Sim, senhor.

— Mas offereço caução, presto fiança... darei cem, duzentos mil francos... meio milhão, mais, se quizerem!.. Em nome do céu, não m'o recusem!.. que pôde o senhor receiar?... está vendo que sou um velho...

— A fiança não é admittida pela lei senão para os casos de delictos correccionaes; não para os crimes...

— Os crimes!... sempre os crimes!... sou um criminoso!.. eu!... é possivel, meu Deus?... é crível semelhante cousa?... — A lei é omnipotente, bem sei... mas o senhor tambem é poderoso; pôde, se quizer, abrandar-lhe os rigores... Juro-lhe que me conservarei sempre, noite e dia, á disposição da justiça... Supplico-lhe, senhor, peço-lhe de joelhos que me deixe ficar aqui!...

— Pede uma cousa que não está em meu poder conceder-lhe...

— Então... recusa?

— Devo fazel-o.

— Então, vou ser encarcerado?... confundido com ladrões e assassinos?...

— Não, senhor, será posto á sua disposição um quarto particular, e será tratado com todas as atenções possiveis...

— Mas será sempre uma prisão!...

— Repito, Sr. conde, não posso fazer mais, nem proceder de outro modo.

O Sr. de Vezay torceu as mãos, e grossas lagrimas se lhe escaparam dos olhos vermelhos e inchados.

Para terminar aquella scena dolorosa e que lhe produzia a mais penalizadora impressão, o promotor dirigiu-se ao juiz de instrucção.

— Senhor juiz, disse-lhe, queira redigir um rapido processo-verbal do que se acaba de passar. — Poderemos partir immediatamente depois.

O juiz tomou um ar importante, pôz para o alto do craneo uma melena de cabellos que lhe havia cahido para a nuca, e respondeu:

— O Sr. promotor me permite dirigir-lhe uma observação de alguma importancia?...

— Sem duvida.

— Ha uma formalidade indispensavel, que devemos preencher, me parece, antes de cuidar na redacção do processo-verbal...

— Uma formalidade?

— Sim, Sr. promotor.

— Qual é?

— A confrontação do homicida com o cadaver da victima.

— E' justo.

O Sr. de Vezay não tinha ouvido o precedente dialogo.

O promotor voltou-se para elle e disse:

— Sr. conde, apesar da profunda repugnancia que manifestou ha pouco só á ideia de penetrar conosco nos subterraneos mortuarios do castello, devo insistir para que nos acompanhe...

O Sr. de Vezay ergueu-se com todos os signaes de violento terror.

— Quer conduzir-me aos subterraneos? exclamou elle.

— E' preciso, Sr. conde.

— Quer pôr-me em presença daquelle tumulto aberto?...

— E' indispensavel.

— Mas para que?... para que fim?... já lhe disse que encontraria o corpo alli...

— Devemos confrontal-o com o cadaver.

Uma especie de loucura apoderou-se do Sr. de Vezay.

— Não irei!.. disse elle com furiosa exaltação; não irei!.. arrastem-me, se quizerem; mas, por vontade, não irei!...

O juiz de instrucção encolheu novamente os hombros.

(Continúa no proximo numero.)

O THESOURO DOS ASSASSINOS

I

A ENCOSTA DA VIRGEM.

Sobre as elevadas penedias que dominam a entrada do porto de Fécamp existe uma capella consagrada ao culto da Virgem protectora dos marinheiros, que se distingue do alto mar.

Esta capella, de construcção antiga, de certo fez parte da fortaleza que coroava a montanha no tempo de Henrique IV, e a qual tão arrojadamente foi tomada pelo sectario da Liga *Bois-Rosé*.

Da poderosa fortaleza da idade média apenas restam um pequeno baluarte, que parece ter servido de posto de observação, e alguns pannos de muros isolados e vestigios de fossos cobertos deervas.

Existe alli um pharol, que á noite projecta sobre a Mancha o seu grande raio de fogo.

Só a capella, antiga dependencia daquelle monumento feudal, lhe sobrevive, com as suas paredes denegridas e esburacadas, como a evidenciar que no meio de tantas instituições antigas, derribadas pelo sopro da civilização moderna, a idéa religiosa se conserva immutavel e solida, prestes a arrostar novos ataques, novas tempestades.

Esta ermida é um lugar de peregrinação venerado pelos maritimos e suas familias.

Por vezes, quando um navio de pesca volta das arriscadas paragens da Terra Nova ou dos mares do norte, sempre perigosos, lá se vêem tripolações inteiras com o capitão á frente, subindo procissionalmente de pés descalços e cabeça descoberta a escarpada vereda que vai ter ao velho templo, e só depois de feita a oração á santa padroeira sob a invocação de *Estrella dos Mares*, e de cumprido o voto offerecido no momento do perigo, é que os romeiros se atrevem a abraçar os seus parentes e amigos que os acompanharam ali.

O fervor com que é venerada a santa attestam-no a innumeravel quantidade de modelos de navios, de quadros pintados com mais ou menos perfeição e de instrumentos de nautica, de que a capella está cheia.

Tambem de dia como de noite se acha sempre aberta e patente, afim de que cada qual possa a toda a hora fazer alli as suas orações.

Ardem cirios sem cessar, offerecidos ou por viajantes que regressam para junto das suas familias, ou por qualquer mãe ou irmã que em sua consternação está esperando por alguém que nunca voltará.

O rugido das ondas, que vem quebrar-se de encontro á falda do penhasco n'uma immensa profundidade, e o susurro do vento em volta do pharol, fazem

lembrar constantemente a especie de perigos contra os quaes se invoca a Virgem de Fécamp.

E' nesta capella que em breve encontraremos alguns dos personagens da nossa historia, quatro annos, como dissemos, depois da condemnação de Bertomy e do seu complice.

Estava-se no fim de outomno. O sol acabava de mergulhar-se no horisonte de nuvens, que formavam como uma montanha por sobre a Mancha.

Ainda não era bem noite, mas um crepusculo começava a envolver lugubrememente o céu, o mar e os campos. Um vento forte agitava as vagas, que iam estalar contra a rocha com um som rouco e monotono.

Neste momento um homem decentemente trajado, de rosto franco e intelligente, despontou no caminho que serpenteava pela encosta da montanha. Parecia ter vinte e cinco ou vinte e seis annos: lesto e desembaraçado, subia sem difficuldade a ingreme ladeira, accelerando cada vez mais o passo, como quem tinha pressa de chegar.

Em presença daquelle rosto tostado pela intemperie das estações, da viril agilidade dos seus movimentos, facil era julgar-o maritimo; o traje, porém, quasi elegante e ao mesmo tempo simples, e uma certa distincção no seu todo, revelavam nelle muito mais do que um simples marujo.

Em vez de subir com precaução as sinuosidades do caminho mais seguido, ia andando por atalhos apenas trilhados sobre a relva, pelos quaes encurtava a distancia.

Deste modo em breve se achou proximo do cume, donde dominava o porto e a cidade, que nesse momento começavam a occultar-se na cerração e no fumo.

Já se achava á vista das velhas paredes da ermida, termo do seu destino, quando se aproximou do outro viandante, que seguia o mesmo caminho, posto que com muito menos facilidade, porquanto acabava de fazer paragem para tomar folego, como quem se sentia extenuado de fadiga.

Como o maritimo fosse passando adiante sem fazer caso delle, o outro viandante disse-lhe com delicadeza um pouco sarcastica:

— Boas tardes, capitão Grandval. Guardou para bem tarde a sua romaria á capella da Virgem!

O que recebêra o titulo de capitão parou e fixou attentamente o seu interlocutor.

Era este um gordo cidadão dos seus cincoenta annos, de pernas curtas, rosto redondo e vermelho, olhar de homem astuto. Trajava um paletot farto e comprido, e na cabeça chapéo de abas largas, que, por meio de uma comprida fita de seda, se segurava á abotoadura do casaco, para assim resistir ás travessuras do vento. Apoiava-se a uma bengala de canna da India com castão de ouro, que de certo lhe prestou bom auxilio na difficultosa subida.

Este encontro pareceu pouco agradável ao maritimo, que, depois de balbuciar um cumprimento, proseguiu seccamente:

— Ainda assim, Sr. Dupré, parece-me mais

singular a romaria de um armador do que a de um marinheiro como eu!

O Sr. Dupré, que assim se chamava o individuo, sorriu-se maliciosamente.

— Ora pois — proseguiu elle. — Diz-se que a Virgem faz milagres: se ella fizesse voltar o meu navio *Joven Amelia*, sahido ha dous annos para a Terra Nova e de que não tenho noticia, dar-lhe-ia cousa mais valiosa do que um cirio... Mas, emfim, — disse elle em tom differente — visto que se dirige á capella, façamos companhia um ao outro.

Grandval ficou atrapalhado.

Pego desculpa, — interrompeu este — mas tenho motivos para ir só ao meu destino. Permitta-me, pois, que o deixe.

O armador redarguiu com ar motejador:

— Ah! sim? Julga que eu ignoro qual seja a virgem que espera encontrar lá em cima? Se quer que lhe diga, vamos rezar á mesma Santa!

— Não sei quaes sejam as suas intenções, senhor; ha, porém, assumptos a respeito dos quaes não tolero gracejos.

— Não gracejo. E, visto que é preciso pôr os pontos sobre os ii, saiba que ambos nós vimos aqui procurar a mesma pessoa.

O capitão Grandval sentiu-se violentamente contrariado e lançou sobre Dupré um olhar de desconfiança; porém, fazendo um esforço sobre si, disse-lhe:

— Sendo como diz, desejava que se explicasse.

— Nada posso adiantar; os segredos da joven Bertomy não me pertencem. Talvez eu tenha recebido algumas confidencias, mas não devo revelal-as sem authorisação expressa, tanto mais que ignoro qual seja a resolução definitiva. Emfim, não tardará a decisão das nossas duvidas.

Os dous viandantes pozeram-se a caminho a par um do outro. Grandval parecia muito confuso, dividendo-se-lhe no rosto a luta de impressões diversas. Depois de um momento de silencio, proseguiu:

— Com que então o senhor sabe...

— Sei que a menina Bertomy lhe escreveu, pedindo-lhe para que hoje ao anoitecer se achasse na capella. Eu recebi igual convite, e, como vê, apressei-me em chegar lá.

— E' para estranhar que Josephina... isto é, a menina Bertomy, faça selecção tão singular dos seus confidentes. Será verdade que o senhor se jacta de ter pretensões á sua mão?

— E porque não? E' verdade que o senhor tem sobre mim a vantagem da mocidade, posto que ha quem diga que ainda não estou muito avariado; mas o senhor é capitão de navios de longo curso, tem feito muitas viagens longinquas, e ha de continuar a andar embarcado por largo tempo antes de possuir tanto dinheiro, tantos titulos de propriedades e rendimentos como eu lá tenho em baixo na minha linda casa no porto... E olhe que as mulheres, na actualidade, apreciam muito estes merecimentos.

Grandval olhou para elle com ar irritado.

— Ouça-me, Sr. Dupré, e fixe bem as minhas palavras — disse este em tom firme. — Ignoro com que fim Josephina nos quiz reunir esta noite na capella;

mas, se as cousas não correrem como eu desejo, fique na certeza de que tomarei de certo algum expediente menos agradável. Amo Josephina Bertomy desde a infancia. Meu pai era rendeiro de uma herdade vizinha da que ella habitava. Sempre sentimos um pelo outro viva affeição e a nodoa que manchou a honra de seu pai em nada alterou os meus sentimentos a respeito della. Quando ultimamente lhe pedi a sua mão, recusou-m'a sob pretexto de não me querer fazer partilhar da deshonra da sua familia, declarando-me formalmente que não casaria. Tomei isto como uma delicadeza levada á maior exaggeração, mas nem as minhas instancias nem as minhas promessas puderam triumphar da sua obstinação. Entretanto, se Josephina Bertomy me enganou, se as razões que me apresentou não foram mais do que um pretexto para me retirar do terreno e conceder a outro o que a mim recusa, repito-lhe que me não conformarei facilmente, e, se ao Sr. Dupré houver de caber a preferencia sobre mim, tenha a certeza desde já de que ajustaremos contas, embora eu vá parar ao inferno!

E, sem mais nada dizer, transpoz a passo acelerado o espaço que ainda medeava para chegar ao alto de montanha. O gordo armador perdêra o aspecto risinho, porque se arreceiára das ameaças do capitão Grandval. Comtudo foi tratando de dar o maior movimento possível ás suas curtas pernas com o fim de o acompanhar e com voz arquejante exclamava:

— Capitão Grandval, ouça uma palavra. Devemos explicar-nos. Mas se a menina Bertomy estiver resolvida?

O capitão, porém, já o não ouvia e a esse tempo achava-se n'uma especie de adro cercado de paredes arruinadas, que precedia a capella. Atravessou este espaço rapidamente, emquanto que Dupré diligenciava sempre acompanhá-lo. Chegaram ambos á porta da ermida, e, tendo-se Grandval affastado d'elle arrebatadamente, entraram ambos no velho e lugubre edificio, cujo imponente aspecto não podia deixar de dar novo curso ás suas reflexões.

(Continúa no proximo numero.)

EXPEDIENTE

Agradecendo aos Illms. Srs. assignantes que têm satisfeito as importancias de suas assignaturas, rogamos áquelles que ainda o não fizeram o obsequio de as mandar entregar ao escriptorio do *Folhetim*, rua do Hospicio n. 85.

Em tempo tambem avisamos ás pessoas que quizerem continuar a receber o *Folhetim* que a remessa da folha será suspensa, desde que a assignatura não seja reformada com precedencia.

OS EDITORES.